

# A RAZÃO

Director e Editor: — LUÍS FIPE COELHO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 4 do 4.º Ano

Redacção e Administração: — R. Trindade Coelho, 27

Guimarães, 31 de Janeiro de 1927

Composto e Imp. em 13 de A. Trindade, P. A. F. F.

Este numero foi visado  
pela Comissão de Censura

31 de Janeiro de 1927

14 lá vão passados 36 anos  
sobre a revolta do "31 de Janeiro...!

E cada ano a mais que a Terra consome não seu giro aviva-se-nos, acentuadamente esta data que é facto da História de Portugal, tão formidável como sublime, e torna-se no exemplo bastante para proferirmos o culto pelo ideal republicano.

36 anos já volvidos; e, que pena não existirmos então!

Grandesa que foi também acção inimitável, feito de reconhecido esforço me embarcava Luc-Olivier Merson em colorir um novo "Sacrifício à pátria", e afirmado de vitalidade dum povo, quem há aí que faça maior oblação a Portugal? e alar-se-nos do peito o anjo da causa pública, erguer hinos de redenção e proclamar bem alto o direito das gentes, onde idealismo mais puro?!

...Cristalina espelho, que deixa ver o rosto luminoso dessa reminiscência formosa que nos orientará pela vida fora... sempre...

36 anos já contados!...

Hoje, que nos achamos distantes desse dia que se sumiu, considerando das causas remotas e próximas que o tornaram bem conhecido, o dever impõe-nos não deixar perder a obra que tal rebelião venceu e fez ver à luz nos espíritos, demais advinhando-se o hediondo crime que mais daninhas, cobardes e miseráveis veem ensaiando.

Reconhecemos até a necessidade de ir para luta e, por isso, forçados a desprezar convenções e amizades, a lançar para detrás das costas a preocupação que nos intimide e a recorrer de violência, se tanto for preciso, fazendo-o, assim teremos honrado a memória dos revoltosos de 1891.

—Exagéro?! Sonho?!

Marchamos sem um quebranto, sem uma hesitação e sem um desfalecimento—porque somos resolutos e julgamos oportuno o agir.

A verdade ordena; e cumpre ao espírito obedecer, caminhar para o campo da batalha que lhe indicarem, mas dum maneira consciente, certo, firme, seguro e inabalável.

—As razões?! Quando?!

Os nove últimos meses decorridos que as indiquem e os meses a decorrer que o marquem. Nós é que já nos encontramos aprestados, e em guarda:

A República nunca morrerá, quer seja ou não traçoceiro o golpe, porque nos achamos de vigia.

## UMA QUESTÃO A APARAFUSAR

### UMA INVERSÃO DE VALORES?

Se o leitor se preocupa com as contemporâneas coisas da política doutrinária deve ter notado decerto que certos combatentes da ala direita denominados integralistas ou neo-nacionalistas procuram, de há tempos para cá, dentro e fóra de fronteiras, com uma insistência que intriga, operar uma verdadeira transmutação semântica que, a ser coroada de êxito, equivalerá a uma transmutação de valores.

Com efeito a par da cruzada sistemática de descrédito que os maurrasianos sustentam e instigam contra todos os homens que concorrem para o largo movimento democrático do século XIX—le stupide siècle!—é de notar uma correlativa campanha de ordem filológica que está a exigir, parece-me, uma mais atenta vigilância da parte dos que estão da banda de cá.

Já repararam vocês, por exemplo, na volúpia e insistência com que os integralistas usam da palavra reacção e no tom altaneiro que tomam quando se declaram reaccionários?

Ser reaccionário, segundo eles, longe de ser uma atitude pejorativa, é uma alta honra política e mental. Ser reaccionário é, para os discípulos de Maurras e Sardinha, um sinal, em matéria social, que tem qualquer coisa de equivalente à posse da Torre e Espada ou Legião de Honra em assuntos militares...

O reaccionário—para eles—é sinónimo do nobre, do vornehm no sentido nietzscheano. Pelo contrário, democrata, para o integralista, é sinónimo de plebeu, sujo, mentiroso e palrador.

E' frequente nos escritos, de doutrina ou polémica maurrasiana, aparecer Democracia definida como «o regimen nefasto do grande número, ignaro e perverso...».

Ainda não vai há muito que um dos nossos integralistas, tenacíssimo divulgador e tradutor da Action Française, declarava numa entrevista concedida a um jornalco de camelotinhos universitários, que «um republicano nunca pode ser um patriota» e que para salvar a «Nação»—concluiu em guisa silogística o fanático entrevistado—é preciso ser-se implacavelmente anti-democrático, corajosamente reaccionário...

Mas há mais. Não vai há muito ainda que um outro neo-nacionalista, meu antigo companheiro de república e ainda camarada de sebtas jurídicas, clamava num papelucho alfacinha, em tom retórico habitual: «a geração actual de Coimbra incumbe a luta pela Restauração da Realeza e da Igreja; a Renascença da Nação vilipendiada pelas quadrilhas democráticas está numa Monarquia baseada na Tradição, na Autoridade e na Família...».

... Secretamente o articulista devia ter acrescentado: «a Força e os Autos-de-fé»...

Claramente que nestas entrevistas e exortações dos nossos integralistas há um filão inexgotável de cómico. Claramente. Em todo o caso é talvez conveniente atender um pouco também ao que nêles há de séria ameaça e prejuizo para as ideias que defendemos. Não cuidemos de saber qual é o móbil—egotista e mórbido ou colectivo e bem intencionado—que os faz assim caricatos e intransigentes. Seja por espírito asinino de contradição, apetite nosológico de algazarra, attitude snob ou convicção sincera o que é facto é que os integralistas não se cansam de martelar na mesma tecla, procurando por todos os meios, maquiavelicamente, descreditar a geração da Enciclopédia, em França, e a geração de Coimbra, entre nós, não recuando mesmo deante duma empresa tão árdua como é a de inverter o sentido de certos vocabulos tornando os honoríficos em pejorativos e vice-versa.

Nesta inversão filológica, sobretudo, eu julgo dever apontar, um pouco por blague, um pouco por cautela, um propósito, por ventura tão pertinaz e sinistro, como aquêle que Nietzsche, doentiamente, pretendia ter descoberto na história judaica...

E quem sabe até—pregunto eu agora—se estes neurasténicos detractores dos valores democráticos, com a sua aparente fobia israelita, não são eles mesmos, os últimos abencerragens dessa desgraçada raça de párias, que, por vingança, por despeito de engeitados e escorraçados, por ódio felino e secreto à humanidade, planejaram fazer do planeta uma arena sangrenta incitando os povos ao igoísmo—isto é, ao nacionalismo oblíquo e hipertrofiado? Quem sabe?

...Fôra de brincadeira, meus amigos, eu penso e digo-vos que há aqui uma conjectura grave que merece ser maduramente aparafusada...

## Que o exemplo frutifique...

Perfeitamente, cu se trate de rafeiros, ou de camelos e outros animais que compõem uma caravana que passa, tudo é sentido figurado.

O que não é sentido figurado nem faz sentido é o expediente pequenino, baixo e deslial de se arranjam histórias para descrédito de quem trabalha (e quantas vezes desinteressadamente) como pode e sabe, sem a mira na imprensa a seu agrado.

Tam sómente temos o legítimo direito de não consentir, quando tenhamos de cair no desagrado da imprensa hostil, que se engane o público com mentirolos que levemente nos firam o natural melindre, tentando emporcalhar-nos.

Mas a tal avidez de escândalo de alguns jornais da terra é de tal força que todos correm pressurosos a transcrevê-lo com a mesma leviandade; e ainda, quando desmentido, fica um resto a esrebuchar, a desdenhar: simples esboço... papelada...

O simples esboço, de origem, é o desenho completo e inconfundível do carro, de frente e de perfil; e ainda bem que ficou o mesmo, para que não se viesse depois dizer que para suprimir as molas se fez um desenho diferente.

O tal industrial, que mal intencionado ou por ignorância, tinha lá visto as molas, melhor fóra que frequentasse o desenho da Escola Industrial, para perceber desenho; e nós não temos culpa que, infelizmente, haja mestres que não saibam dête patavina.

A papelada são os indispensáveis documentos da lei, que servem, como agora, para partir os dentes à maledicência.

Então isto é só escreverem-se babuseiras, atacar e ferir a êsmo, e os atingidos que apañhem e agradeçam ainda por cima...

Naó! E' preciso, embora com arrependimento e tudo, pôr as coisas no seu devido lugar para não haver o comodismo da censura fácil.

O que é deveras para estranhar é que, tratando-se dum melhoramento para a higiene pública, o próprio jornal que se diz pró Guimarães, e que por ela tem louvavelmente pugnado, não tenha encontrado outra forma de a êle se referir senão com uma infeliz história, que fez grande escarcêu e todo o sarilho por ela motivados.

Incoerência!

Os anjos que respondam, que nós temos mais que fazer.

C.

"E' dever de todo o republicano assinar "A Razão", "A Velha Guarda" e todos os mais jornais que defendem a República".



## CITANIA e SABROSO

Uma ligeira conversa com um dos directores da Sociedade Martins Sarmento

«A Velha Guarda» publicou num dos seus últimos números um artigo subordinado à epigrafe de «Citânia e Sabroso» e pelo qual dava a entender o grande desleixo a que votaram estas duas estações pré-históricas, pretendendo sacar as culpas à direcção da Sociedade Martins Sarmento e alvitando que devia ser a Câmara quem melhor se incumbiria de velar por essas venerandas reliquias que foram a preocupação máxima do grande e insigne arqueólogo vimaranense.

No desejo de bem informar os nossos leitores e procurando indagar da veracidade daquêlles alarmes lançado pelo colega local, fomos colher informações e, por nossa boa sorte, estas foram longe porque conseguimos ouvir um dos directores daquela benemérita instituição.

—Então que me diz do artigo da «Velha»?!

—Despeito, meu caro. Aquilo são remordimentos de consciência que só o tempo poderá apagar. O contrato feito com a actual Comissão Administrativa da Câmara, a portaria subscripta pelos snrs. Ministros das Finanças e da Instrução...

—Sim, compreendemos...

—V. já leu o jornal? Muita má fé, pura e simples... Ficamos até admirados como se consente prosa daquella num jornal que diz ter visto a luz do dia para pugnar pelos interesses concelhios, pondo de parte, é claro, a sua política partidária com que nada temos.

—Má fé, pura e simples?!

—Sim. Decerto ignora as diligencias feitas por estas últimas direcções da Sociedade. Pois, eu lh'as conto. Tenha paciência! A história é tudo nestas coisas...

**O Presidente da Câmara democrática, depois de ouvir a direcção da Sociedade, fez promessas que eram vantajosíssimas e que, no contracto, se tornaram vexatórias.**

Considerando da vida pouco desafogada que a Sociedade Martins Sarmento atravessava, a sua Direcção resolveu avistar-se com o Ex.º Sr. Dr. Mariano Felgueiras e ouvi-lo nos seus propósitos acerca do concurso a prestar pela Câmara a que presidia e, por isso, revelou o objectivo da sua

futura acção, ou seja, maior desenvolvimento da instrução no concelho, o recheio com obras modernas a sua biblioteca, a instalação do Tesouro da Colegiada em lugar seguro e acessível a todo o visitante e a conservação dos museus arqueológico e numismático; fez vêr a insignificância do subsídio camarário, *oitocentos escudos*, para tudo aquilo, e a necessidade de não encerrarem a «sala de visitas» de Guimarães — pois a Sociedade é bem um salão nobre onde fidalgamente podem ser recebidos os que nos visitam.

—E o sr. Dr. concordou?

—Plenamente. Saímos de lá satisfeitos e melhor impressionados. Deu-nos toda a razão e ofereceu da Câmara, segundo seu parecer, o subsídio de *dez mil escudos*. Acordamos ainda em que S. Ex.º elaborasse as normas do contracto e já alentavamos um bom augúrio para a casa que tínhamos a honra de dirigir. Um obra para a instalação do Tesouro, limpeza radical nas estações pré-históricas da Citânia e de Sabroso, umas dezenas de livros bons...

—E as normas do contracto chegaram a ser elaboradas?

—Foram. Infelizmente nada se pareciam com as afirmações e promessas feitas pelo Sr. Presidente da Câmara. A boa-vontade confundira-se com o sectarismo partidário. A fobia republicana dos democráticos a querer espesinhar aquêlles outros republicanos e não republicanos que se encontravam à frente da Sociedade. Pois admite-se lá que queiram fiscalisação a os actos dos corpos gerentes, quando os Estatutos são bem claros?!

Se houvesse conhecimento de que dentro das paredes da Sociedade se fazia política, nada mais simples: uma participação à Autoridade Administrativa e esta bem saberia como acabar com «o coio», no dizer dêles...

—E' certo que direcções houve que abusaram das funções que lhes confiaram e que a Sociedade se viu enroscada nas tricas políticas...

—Mas isso não é o bastante para se acoirar tudo de mau ou de monárquico, reconhecido como está de que nas direcções últimas se tem visto pessoas bem republicanas e também outras que são dum caracter a toda a prova e incapazes de se desviarem da directriz

que os Estatutos lhes ordenam.

—Sim, os senhores não teem culpa dos erros dos outros e os Estatutos falam como... gente. Mas há alguma coisa mais assim vexatória?

—Mais: censura ás conferencias, ingresso na biblioteca municipal (2.000 volumes) dos 40.000 volumes da Sociedade, empregados nomeados pela Câmara...

—Eh! mas isso é tudo quanto há de mais...

—Não lhes parece?

—Mas se bem me recordo, um dos numeros de «A Velha Guarda», de Agosto, talvez o 3.º desse mês, dizia que a Câmara estava disposta a assegurar a situação financeira da Sociedade...

—Pois dizia, e o sr. Presidente da Câmara, como há pouco lhes revelei, prometera *dez mil escudos* e tudo o mais que quizessemos.

Mas, não se recorda dêsse número dizer que êsse dinheiro havia de ser dado em condições de não poder ser desviado para fins políticos? Essas condições (decerto o articulista esqueceu-se das normas do contracto) eram nem mais nem menos do que a tal censura, etc., etc...

—E os senhores responderam a êsse contracto?

—Sim senhor. Elaboramos uma contra-minuta e levámo-la ao Ex.º Sr. Dr. Mariano Felgueiras.

—Fizemos esta pergunta porque êsse mesmo número de «A Velha Guarda» referia-se à nenhuma resposta da Sociedade.

—Deixe falar. E' falso. O tesoureiro, sr. Francisco de Assis Pereira Mendes, escreveu vários cartas ao sr. Presidente da Câmara nêsse sentido.

—E êle?

—Nunca respondeu, a não ser muito mais tarde.

—Quando?

—Após o «28 de Maio», quando alguém lhe foi falar nêsse caso como uma lembrança.

—Então, afinal, êles desviaram-se um pouco da verdade!?

—E' o que lhes disse. Muita má fé.

**A última portaria e os Snrs. Drs. Fidelino de Figueiredo e Mariano Felgueiras. —Citânia e Sabroso.**

—E a respeito da última portaria; porque disse ser causa de despeito?

—Eu lhes conto. Falamos também nêsse caso ao Dr. Mariano Felgueiras. Que sim senhor, tudo muito bem e que lhe arranjássemos uma espécie de memorial com a história da Sociedade, que êle, em Lisboa, solucionaria o assunto!

Fizemo-lo e... tempos... mais tempo... e... nada.

Quando esteve aí o sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, a título de curiosidade informámo-nos dos meios de conseguir tal. A resposta foi pronta e só nos pediu que lhe dêssemos um pouco da vida da Sociedade; chegou a Lisboa, e a portaria... veio por aí abaixo.

—Diga-nos: e a Citânia e Sabroso? Sempre é verdade existir tão nojento chiqueiro? os pastores e as cabras teem na verdade «engulido» aquêlles pedregulhos todos?!

—E' mentira. Vejam êste orçamento do ano passado. Veem ali a verba de mil escudos para limpeza da Citânia?

—Desculpe. Se atiramos esta pergunta, ela em nada se prende conosco. Há 2 anos estivemos lá e não presenciámos coisa que motivasse alarme.

O articulista de «A Velha Guarda» é que nunca lá pôs os pés e depois... confundeu-os, porque não os chamou, com as mãos com que escreve.

—?!

—Olhe: pergunte no seu jornal quem mandou partir pedra no Sabroso para a construção do Hotel das Taipas.

Quem demoliu ou consentiu que se demolisse a muralha que lá existia bem nítida e que necessário se tornou deitar a baixo para os carros passarem com as pedras?

Quem consentiu na destruição da ponte romana das Taipas?

Certamente tudo se deve ás direcções da Sociedade...

... Temos aqui arquivada uma fotografia enviada pelo sr. Dr. João Antunes Guimarães e esta sua carta que bastam para nossa defeza e para justificação perante os sócios. Os nossos protestos também os pode vêr aqui no copiado, e são até demais. Que se faça política, está certo; que se engane o público, não.

—E sobre conferencias?

«A Velha»...

—Diz que são pretextos para exhibições de luxo, o enfado das sedas e dos perfumes das senhoras, e o encombodo do colarinho que esgana os cavalheiros que ali vão permanecer 2 horas, quando não é mais...

—O articulista, bem decerto, nunca usou colarinho e nunca teve a felicidade de ser correcto no traje...

—Parece-o, pelo menos.

Guilherme.

Mário Menezes

Há uns dias que guarda o leito êste dedicado amigo e proficiente professor da Escola Industrial de Francisco Holanda. Pronto restabelecimento é o que lhe desejamos.

## QUADRAS

I

«Quem desdenha quer comprar»  
E' velho, relho e sabido;  
—Quanto homem se julga amar  
P'ra no final ser... comido!

II

Quando passas junto a mim  
Hás-de sempre de corar!  
Não devia já ter fim  
Esse teu envergonhar?...

III

Ao falares no nome meu  
Tas vontade de chorar;  
—Já vi nuvens peio céu  
Na hora do dealbar...

IV

Vejo-te sempre na igreja,  
Rezando não sei por quem...?  
Mas por quem quer que isso seja,  
Diz se lucras algum bem?!

1927.

L. Coelho.

Dr. J. Sant'Anna Dionísio

Pela primeira vez que êste nosso vaeroso correligionario e dignissimo professor do nosso liceu nos dá a honra da sua brilhante colaboração, é dever apresentar-lhe os nossos sinceros cumprimentos e testemunhar-lhe a nossa profunda gratidão.

## Q eixas aos Papás

Em a «A Época» de 24 ou de 25 do corrente vem um telegrama, desta cidade, protestando contra a suspensão do nosso colega «Ecos de Guimarães» e chamando a atenção dos Papás para os escritos do nosso jornal. Lá que aos defensores da Sagrada Causa dá a suspensão, estão no seu direito e na sua razão.

Agora que facam como os meninos, acusando-dos aos Papás, achamos forte.

Adversos da censura à imprensa, acatamos, porque não temos outro remédio, as deliberações da respectiva Comissão.

Porque não procede o colega da mesma maneira? ou julga-se o colega em situação sua?

Não tenha ilusões, caro colega, ainda é cedo; mesmo muito cedo.

Há castanhas que rebentam na boca e outras que estalam os assadores.

## Botas de papelão

Nas botas como nas sardinhas: a ansia sordida do ganho. Pessoa da nossa consideração e merecedora do nosso crédito informa-nos do seguinte e grave facto:

Um conhecido traficante desta cidade está a fornecer botas para a Marinha de Guerra a 30 Escudos.

Seria digno de aplauso o patriótico gesto se... as botas não fossem de papelão e de casquinha.

Há por aí algum honrado sapateiro que possa fornecer botas, de bom material, a 30 Esc.?

Se há, que apareça.

Com vista ás autoridades competentes para galardoar o desinteresse de tão lustre traficante.



# Oficioso, não

Já dissemos que o nosso jornal não é oficioso de qualquer entidade ou facção.

Repetimo-lo.

Chamaremos pulhas a todos aquêles que repetirem a insídia.

## TARTUFOS!

A intolerância teve, ha seculos, manifestações hediondas de violência, crueldade, desumanidade. Nesses tempos, porém, os inquisidores, os carascos, chegavam, nas suas atitudes, a atingir certa grandesa.

Guiava a muitos o desejo, embora feroz e mal compreendido, de procurar impor uma religião, um crêdo que, em consciência, achavam ser o melhor, que sinceramente criam ser o que deveria redimir os vícios e os erros da humanidade. De alguns-dêles não fala a História com repugnância: abolve-os pelo muito que crearam, pelo esforço, pela dedicação que puseram ao serviço duma causa.

Por vezes, perseguidos e perseguidores, os réus injustamente condenados e os juizes sanguinários, parciais, todos se collocavam à mesma altura porque a todos movia a chama purificadora de um ideal, porque as acções, os feitos de todos êles, mesmo os mais repugnantes, eram determinados por princípios nobres e elevados.

Ha muito que desapareceram os vestígios das fogueiras em que o lume das achas jamais conseguiu sobrepor-se, ter mais brilho, mais vida do que a chama heroica e gloriosa que illuminava o caminho daquêles que, atravez de tudo e contra tudo, desinteressadamente, com fidelidade e com amor, souberam sofrer e lutar, souberam ser correntes e justos, souberam ser dignos, souberam ser mártires...

Hoje... Hoje — nem grandesa, nem consciência... A sinceridade, o ideal, a nobresa de atitudes, offirme querer, o desinteresse no crêr, o amor, a dedicação por sentimentos e por causas nobres — onde estão?

Tudo é tão vil, tão charro, tão mesquinho, tão banal como se tivesse soado a hora do máximo acanhalamento, como se para sempre tivesse morrido a flama dos idealismos conscientes, impulso heroico dos mártires santificados, a espiritualidade que anima os crentes, o desejo de bem servir, a inalterabilidade das convicções fortes, o respeito por tudo o que é humano, o carinho por tudo o que é natural, a ternura por tudo o que é humilde, o dever de assistência a todos os desamparados, o conhecimento certo das responsabilidades adquiridas...

Repugna, enoja, revolta observar as atitudes, os gestos de certos sacripantas arvorados, não se sabe porque triste, porque extranha anomalia do Destino, em pastôres de almas, em directores de consciências. Nêles se encontram de mãos dadas, intimamente ligadas, a estupidez a insensatez, a falta de carácter, a imbecilidade e a hipocrisia.

A mais repelente de todas as coisas é a hipocrisia. De um hipócrita devemos-nos afastar com a mesma repugnância com

que nos afastariamos de um leproso. O leproso é um desgraçado que o destino atingiu com um mal incurável, horrível. Merece — deve merecer sempre e a todos — compaixão, comiserção. O hipócrita é miserável, sem dignidade, desprovido de sentimentos, isento de todas as boas qualidades, repleto de vícios, de carácter pãdre e alma enfiameada. O hipócrita, o tartufo, impressiona os sentidos pior ainda de que as escorrências da mais infeta sargêta.

O hipócrita é um sêr latrinário. Todos os vícios, todos, são superiores à hipocrisia. Ser hipócrita é ser capaz de tudo. Ser hipócrita é não ter escrúpulos. Ser hipócrita é nunca ter em conta a honra própria nem a honra alheia. Ser hipócrita é não ter consciência e não respeitar os ditames da consciência dos outros.

Todo aquêle que é hipócrita está fóra do género humano, não é pessoa — é uma coisa. Como coisa, pode merecer um pontapé, um escarro, não pode merecer palavras.

Quem escreve estas linhas não gastaria, por certo, tantas palavras endereçadas a certos hipócritas que por aí pululam se não fôsse o tê-lo tão profundamente ferido certos factos passados à volta da morte de um humilde, de um bom, de um crente, de um honrado e honesto cidadão que, ha dias, religiosamente, comovidamente, de lágrimas nos olhos, de coração oprimido, algumas centenas de pessoas, sem receio de expomhões e certas de cumprirem um dever sagrado, levaram até à Atouguia.

Estas linhas são escritas com indignação, adquirem toda a vibratidade porque a pessoa que as escreve, homem de consciência e de carácter, jámais poderá aceitar atitudes menos dignas, menos próprias, menos humanas, especilmemente quando essas atitudes partam de pessoas que tenham sobre os ombros a responsabilidade sacratissima de, com os seus exemplos, instruirem sobre o boa caminho, sobre o caminho que, para salvação das suas almas, todos devem seguir.

José de Ceuta.

## Reitor de Liceu

Pelo pedido de demissão do cargo de Reitor de Liceu feito pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Soares de Oliveira, últimamente foi eleito para este cargo o nosso presado amigo Dr. David da Silva Oliveira.

Os nossos cumprimentos.

Lêde e propagai

"A RAZÃO"

## Instrução Primária

Vai ser posta a concurso a escola da freguesia de Ronfe, concelho de Guimarães, lugar de professor.

Esta escola está criada desde 1911, mas nunca pôde funcionar de casa. Muitas outras estão criadas no circulo e no País, mas sem poderem ser providos, por falta de instalação.

O problema dos edificios escolares é o mais importante e urgente da actualidade: E, sem a sua solução conveniente, a instrução primária não sairá do atraso em que tem permanecido.

—O concurso das escolas de Monte e Varzeacova do concelho de Fafe, e Souto do concelho de Guimarães, finda no dia 6 de Fevereiro próximo.

—Estão nomeados todos os professores que neste circulo de Guimarães concorrerem às interinidades no ano lectivo corrente. Eram 26, e o último concorreu com 11 valores, tendo sido nomeado para o circulo de Beja. Por êsse motivo foi nomeada interinamente para o lugar de professor, em Ronfe, uma professora.

Professoras concorreram 108, a maior parte das quais não obterá nomeação.

—A professora D. Maria da Glória Mota Ribeiro, nomeada interinamente para a escola da freguesia de Souto (Santa Maria), onde ultimamente se conseguiu casa, não veio tomar posse, por estar cofocada na escola de Borba da Montanha, concelho de Celorico de Basto. Foi solicitada a nomeação de outra candidata.

—Estão encerradas por falta de casa as seguintes escolas do circulo de Guimarães: — Aboim, concelho de Fafe; e Arões, desde 1908, Briteiros (Santa Leocádia) lugar de professor, Mesãofrío, Pentieiros, Silvares e Tagilde; e outras mais estão arriscadas à mesma sorte. E está encerrada provisóriamente, a escola de S. João das Caldas de Vizela, em cujo edificio próprio se vão fazer obras de segurança.

—Avisam-se os interessados de que os atestados de doença levam 1\$15 de sêlo, sendo devolvidos os documentos que tragam deficiência de sêlo; e de que tais atestados devem ser enviados à Inspeção Escolar logo nos primeiros dias do mês seguinte aquêle a que dizem respeito. Não podem ser recebidos depois do dia 8. Mas devem ser enviados no dia 1 ou 2.

Tambem se avisam os snrs. Professores de que a fôlha de efectividade (nota das faltas) deve ser enviada no dia 1 ou 2, e com regularidade, por ser tal documento a base para o abôno dos respectivos vencimentos.

E os mapas estatísticos igualmente devem ser enviados a tempo, e nunca depois do dia 10 de cada mês. E' regulamentar.

## Dr. Matos Chaves

Adoeceu subitamente êste estinado médico vimaranense e pai dos nossos particulares amigos e presados assinantes, snrs. Dr. Fernando Matos Chaves e Francisco Matos Chaves, sendo grve o seu estado.

"A Razão" deseja-lhe um pronto e completo restabelecimento.

Assinai

"A RAZÃO"

## ANTÔNIO DE SOUZA LIMA (Taráu)

Na passada sexta-feira, vitimado por uma pneumonia, faleceu o bom do Ant6nio de Souza Lima, mais conhecido pelo «Taráu».

Espírito alegre e coração sempre aberto para a franqueza, quem lidou de perto com êle sentiu profundamente a sua morte e comoveu-se perante a queda daquêle arcaboço forte, porque Ant6nio de Souza Lima soube conquistar simpatias e ímnia a honra dos mais categorisados cavalheiros desta cidade.

E assim, ao seu funeral, feito civilmente, acorreu quasi meia cidade e, dentre outras pessoas, fixamos:

Dr. João Joaquim d'Oliveira Bastos, Dr. José Pinto Rodrigues, que representava o Dr. Francisco Rodrigues e Guilherme Alberto Rodrigues, Tenente Alvaro Martins de Campos, Sinão da Costa Guimarães, Luís Filipe Coelho, director de «A Razão» e que representava seu irmão Tenente Carlos Coelho, Tenente Ant6nio Maria Ferreira Braga, Augusto Pinto Lisboa, Jerónimo Sampaio, A. L. de Carvalho, Manuel de Lemos Pinheiro, Manuel Luís de Matos, João d'Oliveira Matos, José Antonio dos Santos, José Torcato Ribeiro, Francisco Agostinho Cardoso Lemos, Francisco Lemos Claro, Ant6nio Ferreira Cabral, José Pinto da Rocha, Manuel Braga, Ant6nio Joaquim d'Azevedo Machado, Rodrigo Fernandes Abreu, Reinaldo de Souza Roriz, Horacio Barreiros, Joaquim de Souza Félix, Francisco José Lopes, José Cartada, José Ribeiro, Francisco Leite Mendes, Francisco Marques, Joaquim Ribeiro, Francisco Teixeira Duarte, Olegário Pereira Machado, José Ramos, José de Sousa Roriz, José Guise, Domingos d'Oliveira Salgado, Domingos de Souza, Silvino José Fernandes Guimarães, Secundino Alves Viana, Joaquim Guise, José Ant6nio Fernandes Guimarães Junior, Torcato Mendes Simões, Manuel José de Souza, João Soares Guimarães, Ant6nio da Rocha Braga, Arnaldo Plácido Pereira, Joaquim Plácido Pereira, Ant6nio Alves, Ant6nio Alves Machado, Ant6nio de Souza Alves Gradim, Narciso da Silva, Bernardino Torcato Ribeiro, Fortunato d'Oliveira, João de Deus Pereira, correspondente de «Janeiro», Sebastião Mendes, José de Castro Mendes da Cunha, Aurélio Damásio, José dos Santos, Francisco da Silva Guimarães, Luís Garcia Martins, Sebastião Costa, João Machado, Ant6nio Fernandes, Duarte Garcias, Djalme Damásio, José Cerqueira de Sampaio, José Teixeira, Silvino de Moura Nunes, José Leite Machado, Joaquim da Silva, José de Sousa Parêdes, Manuel dos Santos, José Alves Pinto, Rafael da Rocha Júnior, A. Teixeira de Carvalho, Jacinto Monteiro, Emilio Castelar, José Crisóstimo da Silva Bastos, Eduardo Pinto de Figuerêdo, João da Silva Bastos, Raul Paulo, Joaquim de Magalhães Bastos, Francisco da Silva Correia, Damião Pereira Mendes, Alexandre da Costa Moreira, João A. da Silva Guimarães, Manuel Vieira, João Teixeira,

Secundino Ramos, José Dias, José Mendes, Milhão Bastos Teixeira, Emilio Pereira Macedo, Bento Ferreira Cunha, Ant6nio Pereira d'Oliveira, Miguel Fontes, Inácio A. da Fonseca, Adelino de Faria, João Albino, Alfredo de Sousa Félix, José Batista, Caetano José da Costa, Silvestre Gomes, Sebastião Pereira Guedes, Evaristo Leitão, Rodrigo Guise, Julio Mendes, Tadeu Ribeiro, Aveino Teixeira, Luís Ribeiro Eugénio, João Ribeiro Guimarães, Fernando José Cardoso, Albano Pereira, Abel Viegas, João da Mota Ribeiro, Anibal Pereira Soares, Manuel Vieira Gonçalves, Armando da Silva, Sargentos Teotónio Cardoso, Afonso Dória e Arnaldo Camarinha, Serafim da Silva Ribeiro, Francisco Lopes Correia, Domingos Mendes, muitos soldados da G. N. R. e do B. M. 2.

Das turnos ao tétetro, organizados da casa do falecido para o cemitério, fizeram parte:

1.º — Ant6nio d'Almeida Cabral, Domingos Duarte, Artur d'Oliveira Sequeira, Francisco Teixeira Mendes, Avel no Ferreira Meireles e Tenente José Ant6nio de Matos Junior.

2.º — Capitães Silvestre Barreira, Henrique de Souza Guerra, Júlio Pereira Machado, administrador do Concelho, e Tenentes João Martins, Gervásio Campos de Carvalho e Heitor d'Almeida.

3.º — Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, Ant6nio Ferreira da Castro, Dr. Filinto Elísio da Costa, P.º Ant6nio de Jesus Teixeira, José Ribeiro Gomes, secretario da Administração e Arnaldo Alpoim.

4.º — Três praças da G. N. R. e três representantes da Corporação dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães.

5.º — Seis representantes da Banda dos Bombeiros Voluntários.

6.º — Alvaro da Costa Carvalho, Ant6nio Ferreira, Mário Pinto Leite, Ant6nio Ribeiro Venancio, José Ant6nio dos Santos Junior e Francisco Gonçalves da Cunha.

7.º — Eugénio Leite Bastos, Joaquim A. Cesar, A. J. Ferreira da Cunha, Manuel Luís de Matos Junior, Tenente Albano José da Cruz e Francisco Freiria.

Fizeram-se representar o Centro Republicano de Guimarães, os jornais «A Velha Guarda» e a «A Razão» a Corporação dos Bombeiros Voluntários, Banda dos Bombeiros e quasi todas as associações de Classe.

O snr. Artur Sequeira representava o snr. P.º Francisco Almeida, e o snr. José Fernandes Abreu o snr. Augusto Cordeiro Alves.

Foram oferecidas corôas e bouquets por amigos e pessoas da Família.

Dirigiu o funeral o snr. José F. da Costa Abreu.



**OFICINA DE SERRALHARIA**  
 (ANTIGA SERRALHARIA DE LIS DE PINA)  
**P. & MAIA, LIMITADA**  
 Rua de Paio Galvão -- GUIMARÃES  
 Executam-se todos os trabalhos de serralharia e de torno  
 e concertam-se todas as peças para automoveis

**= GRAND-CHIC =**  
 DE  
**FRANCISCO LEITE MENDES**  
 Artigos de Modas, Fazendas Brancas e Miudezas  
 43, Rua da Republica, 47 -- GUIMARÃES  
 Esta casa vende todos os artigos com grandes abatimentos

**A. J. Ferreira da Cunha**  
 Praça D. Afonso Henriques (Toural)  
 Vendas por Junto e a Retalho  
 GUIMARÃES

Fábrica de Tecidos da Madrôa  
 Fábrica de Colchas e Tinturaria a Vapor  
**Freitas, Pereira & C.ª, L.ª da**  
 Fábrica — Rua da Liberdade  
 Escritório e Depósito — P. D. Afonso Henriques  
 GUIMARÃES

**Gonçalves & Castro, L.ª da**  
 Especialidade de Atoalhados e Linhos  
 Largo Prior do Crato, 6, 7 e 8  
 GUIMARÃES

FARMÁCIA NORMAL DE GUIMARÃES  
 DE  
**Manuel Jesus de Souza**  
 Praça D. Afonso Henriques  
 GUIMARÃES

**Como se evita um incêndio?**  
**GRITANDO FOGO!!!?**  
 ... *Exclamação de terror que abala os mais corajosos e nada evita.*  
**ABRINDO UMA JANELA!!!?**  
 ... *implorando auxílio e aguardando cheios de aflição e terror que no-lo tragam?*  
 ... *Minutos que parecem séculos durante os quais nos sufoca o mais artoz sofrimento.*  
**FUGINDO LOUCOS DE PAVOR!!!?**  
 ... *deixando que o fogo destrua os nossos haveres, a nossa casa e nos roube, por vezes, os filhos e outros entes queridos?*  
 ... *Desesperada resolução que nos mata de ansiedade e de dor...*

**NÃO...**  
 Um incêndio evita-se com extrema facilidade, extinguindo-o rapidamente, apenas ele se declara. E para isso, **TENHAM EM CASA**  
**BONS EXTINTORES DE INCÊNDIO**  
 como o **FYROUT** em cobre polido e de Esc.: 400\$00;  
 o mesmo em aço esmaltado e de Esc. 350\$00 ou ainda **FOAMERA** de Esc. 350\$00 e para automoveis o **VALOROTO** de Esc.: 230\$00  
 Representante único em Portugal:  
**NUNO SALGUEIRO — PORTO**  
 Representante único em Guimarães:  
**BENJAMIM DE VASCONCELOS — R. da Liberdade**

Antiga Mercadoria da Porta da Vila  
**Pereira & Silva, Lim.ª da**  
 Especialidade em chá e café  
 24, R. da Republica, 28 -- GUIMARÃES

**Francisco Joaquim de Freitas & Genro**  
 Depósito de Tabacos e Fósforos, Papelaria, Miudezas e correspondentes de várias casas bancárias.  
 GUIMARÃES

**FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO, Suc.**  
 Rua da Republica — GUIMARÃES  
 Depósito da Polvora do Estado  
 Vidraria, cristais e louças. Tintas, óleos, vernizes e cimentos. Artigos para cegadores.  
 Grande sortido em serviços de louça para mesa, chá, café e lavatório.  
 Preços sem competência

Fábrica de Tecidos de Santa Luzia  
**Custódio Vila Nova & C.ª**  
 Fábrica de Colchas e Atoalhados  
 Rua de Paio Galvão — GUIMARÃES

**HOTEL CENTRAL**  
 (VULGO DA FELISMINA)  
**THEODORO DA SILVA E CASTRO**  
 Fábrica especial de Pão de Ló e Docas Finos  
 :: Pão de Milho de Superior Qualidade ::  
 PRAÇA DA REPUBLICA -- FAFE

**"A RAZÃO"**  
 SEMANÁRIO REPUBLICANO  
 Ex.º Sr.